



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17852 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES NEGRAS: INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE APRESENTADO NOS CÍRCULOS DE CULTURA NA EJA

Larissa da Silva Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Gilmario Moreira Brito - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

MEMÓRIAS DE ESTUDANTES NEGRAS: INTERSECCIONALIDADE ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE APRESENTADO NOS CÍRCULOS DE CULTURA NA EJA

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo compreender os significados das memórias em torno das intersecções de gênero, raça e classe de estudantes negras em processo de alfabetização apresentados nos relatos nos círculos de cultura e nas entrevistas realizadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Jardim Santo Inácio em Salvador. O debate acontece em torno do tema educação de jovens e adultos, onde há a aplicação da metodologia de Paulo Freire, o círculo de cultura, para compreender de que forma as memórias das estudantes da EJA são apresentadas e desencadeiam discussões, durante as aulas, que se interseccionam apresentando os marcadores de exclusão social no cotidiano de mulheres.

Esse resumo expandido trata-se de uma dissertação em andamento, que está sendo realizada na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), que propõe apresentar uma educação ouvinte, atenciosa, acolhedora e transformadora, acreditando, como apontado pelos pensamentos de Bell Hooks (2017), que “a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de

possibilidades”, pois apesar de a escola ser uma instituição constitutiva da sociedade na qual está inserida, ela pode, de alguma forma, buscar estratégias revolucionárias para combater a colonialidade que perpassa as relações de poder. As estratégias são formadas cotidianamente nas dinâmicas do fazer escolar, no ouvir, no respeito às memórias das estudantes, nos diálogos construídos nas aulas e no posicionamento docente, com o intuito de auxiliar na formação de sujeitos críticos.

A pesquisa parte do questionamento de quais os significados das intersecções de gênero, raça e classe nas memórias de estudantes negras em processo de alfabetização apresentados nos relatos nos círculos de cultura e entrevistas realizadas na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal Jardim Santo Inácio em Salvador? Para isso, além do objetivo geral, a pesquisa, ainda em andamento, propõe até os dois primeiros meses do ano de 2025, apresentar o perfil sociocultural e étnico racial das estudantes negras em processo de alfabetização da EJA da Escola Municipal Jardim Santo Inácio em Salvador, Bahia; contextualizar os programas da Educação de Jovens e Adultos, Tempo de Aprender e as metodologias usadas na Escola Municipal Jardim Santo Inácio e identificar nos círculos de cultura e entrevistas com estudantes negras da EJA em processo de alfabetização da Escola jardim Santo Inácio as memórias interseccionadas as questões de gênero, raça e classe.

Dessa forma a pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois acontece na Escola Municipal Jardim Santo Inácio, localizada na cidade de Salvador-BA, no bairro Jardim Santo Inácio, onde dei aula como professora substituta no período de um semestre no ano de 2023 e, nesse período, realizei registros das minhas experiências como professora da rede municipal atuando na EJA através do suporte do diário de campo, tendo o ambiente natural como fonte direta de dados, como aprendemos com Ludke e André (1986) sobre pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma investigação que propõe contato direto com os sujeitos que contribuirão na construção de ideias e consequentemente não nos dá uma resposta única e engessada, pelo contrário, quando lidamos com vidas e sentimentos, há a possibilidade de apresentar análises maiores do que possamos imaginar.

Também é utilizado, como suporte metodológico, a revisão de literatura e entrevistas com as estudantes da turma de alfabetização, na qual atuei, buscando compreender as intersecções de gênero, raça e classe a partir das histórias orais pontuadas pelas mesmas e para analisar os dados obtidos, é realizada análise a partir da de-colonização do saber em diálogo com pesquisadores e pesquisadoras decoloniais como HOOKS, 2017; PINHEIRO, 2023; QUIJANO, 2005.

As partes desse resumo contemplam, inicialmente, uma contextualização do

retrato das desigualdades entre gênero e raça percebida no cotidiano com as estudantes da EJA. Em seguida é apresentado a potencialidade da metodologia do círculo de cultura, elaborado por Paulo Freire, visando apresentar sua importância na pesquisa e na atuação como professora de alfabetização da EJA. Ao final são apresentados os resultados encontrados até o momento e as considerações a respeito do trabalho desenvolvido até aqui.

Os resultados encontrados nos confirmam como as categorias de exclusão colocam diversas mulheres em lugares menos favorecidos socialmente e marcam as memórias que apresentam as intersecções de gênero, raça e classe. O cotidiano das estudantes revela vulnerabilidades em relação aos cargos que ocupam nos trabalhos, por exemplo, os marcadores de desigualdade de gênero, raça, classe estão associados e pouca escolarização presentes na vida de mulheres negras, nesse sentido a escola tem muita importância para a construção de uma educação crítica e emancipadora.

2 MULHERES NEGRAS ESTUDANTES: UM RETRATO DA DESIGUALDADE

A pouca escolarização interseccionada as questões de gênero, raça e a classe social potencializa os marcadores de desigualdades, agravando a exclusão de quem já está em situação de vulnerabilidade, mas a escola, quando inconformada com esses marcadores, proporciona que pessoas excluídas acessem ambientes ainda privilegiados, como a universidade, por exemplo. A EJA percorreu e ainda percorre, atualmente, uma extensa caminhada de luta por uma educação de qualidade, por uma educação emancipadora e crítica, cujo público, em sua maioria, é composto por pessoas de baixa renda, negros/negras e de periferia, sendo essas pessoas que são pouco valorizadas no mercado de trabalho. Em se tratando de mulheres negras na EJA, as questões referentes às desigualdades sociais são ainda mais precárias.

Dessa forma entendemos que as mulheres, principalmente negras, estão inseridas numa sociedade que lhes impõem demandas familiares, repressão de gênero, imposições sociais que as afetam psicologicamente, como a imposição de um padrão de comportamento, além de questionamentos em relação a mulheres ocuparem determinados cargos de trabalho. Mulheres idosas, por exemplo, muitas vezes, relatam que não puderam estudar porque lhes era cobrado dar conta das atividades domésticas da casa desde crianças. Numa casa com muitos filhos, antigamente, era comum que as mulheres fossem cuidar dos irmãos mais novos e cuidar da casa desde muito novas. Muitas também começaram a trabalhar muito cedo nas chamadas casas de família e vivem até os dias de hoje exercendo a profissão doméstica e sem acesso à educação. (Lima, 2016, p. 14)

Quando essas mulheres decidem retornar à escola, geralmente através da EJA, a instituição precisa pensar as questões de gênero e raça interseccionada com a escolarização precária para entender os impactos que esses marcadores

causam e assim “reconhecer o universo cultural e a experiência do educando em processos educativos” (Durante, 1998, p. 8). Quando se traz a realidade do sujeito para a sala de aula e facilita o processo de desenvolvimento educacional, porque algumas estudantes, apesar de não saberem ler e escrever possuem trajetórias e experiências de vida ricas em conhecimentos e saberes.

Muitas também sofrem com a violência familiar, estão mais expostas nos transportes públicos e ainda precisam cuidar da casa, da família e dos filhos. Esse fato exige que diversas mulheres tenham uma dupla jornada de trabalho, pois além das demandas externas, ainda precisam assumir demandas familiares. Posto que, em função das desigualdades de gênero são as mulheres responsáveis pela maior parte do trabalho doméstico. Isso é um fato que impacta no dia a dia de qualquer cidadã, já que as questões culturais que impõem a responsabilidade as mulheres do cuidado da casa acabam se transformando em estruturas de opressão.

Diante de tal fato a escola tem um necessário papel referente as discussões de gênero e raça, pois o ambiente escolar traz o reflexo das questões encontradas na sociedade e acaba “reproduzindo diferenças que colaboram com práticas violentas” (LOURO, 1998, p. 57 apud COSTA, 2009, p. 77). Nesse momento é necessário pensar a prática docente como um potencializador capaz de lidar com as diferenças encontradas no cotidiano escolar e como mediador que tem o objetivo de encontrar soluções para a mudança de paradigmas, como feito com os círculos de cultura desenvolvidos com mulheres negras da escola pública no município de Salvador, estudantes da educação de jovens e adultos.

2.1 O círculo de cultura e suas potencialidades

O círculo de cultura surge no período de 1960, juntamente ao Movimento de Cultura Popular (MCP), em Recife, que, nos anos 60, nasce como uma importante manifestação de ideias contra hegemônicas, já que o MCP defendia em suas ideias centrais que o marginalizado deveria ser o centro das provocações e das discussões como possibilidade de transformação social, coisa que até o momento não era comum, pois a classe popular e as pessoas consideradas de cor, eram vistas como sujeitos incapazes de pensar e produzir. Intelectuais, artistas e políticos se mostraram inquietos com o status quo da sociedade naquela época e com os altos índices de analfabetismo dessa classe que potencializavam a miséria social.

O MCP tinha a intenção de promover a educação tanto para crianças como para jovens e adultos, além de promover a elevação cultural do povo, fazendo com que a classe popular tivesse a oportunidade de se politizar e pensar criticamente sobre sua situação no mundo, tendo acesso a discussões críticas, a arte, música, teatro, televisão e mais do que tudo, ao diálogo que potencializava o pensar e

permitia elaborar condições para transformar e quebrar as barreiras da opressão. O princípio pregado pelos integrantes do movimento era de construir uma educação popular para todos, de fácil acesso e não bancária.

Paulo Freire ganha grande destaque pelo trabalho que desenvolvia no movimento, pautado pela emancipação. No ano de 1961 o mesmo criou um centro, conhecido como Centro de Cultura Dona Olegarina que desenvolvia um trabalho educativo para a transformação social, oferecendo “atividades de diferentes ordens: educacional-culturais, recreativas e de coordenação de esforços para solução de problemas comunitários” (Ary, 1962). Lá foi realizado um levantamento dos conhecimentos prévios da comunidade para compreender quais as questões assolavam as pessoas da região e a partir dessa noção construía-se momentos de reflexão, onde era possível oferecer, à comunidade, um espaço em que podiam compreender a sua realidade e assim, quando os incomodavam, pensavam em soluções para reverter o quadro a partir da dialogicidade.

Com o tempo, Paulo Freire foi questionado sobre utilizar a mesma metodologia de discussão do centro, que era baseado na realidade do sujeito e no diálogo, no processo de alfabetização de adultos e, aceitando o desafio, começou a colocar em prática as discussões com intencionalidade pedagógica. Assim, o Centro de Cultura D. Olegarina deu início ao que conhecemos como método Paulo Freire, os círculos de cultura. A metodologia Freireana, segundo o estatuto do MCP tinha os seguintes objetivos (1961):

“1 – Promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos;

2 – Atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através da educação integral de base comunitária, que assegure, também, de acordo com a Constituição, o ensino religioso facultativo;

3 – Proporcionar a elevação do nível cultural do povo preparando-o para a vida e para o trabalho;

4 – Colaborar para melhoria do nível material do povo através da educação especializada;

5 – Formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular”

Dessa forma, o MCP surge com uma nova perspectiva de educação, a partir do momento em que se propõe ser acessível para aqueles que mais necessitavam de atenção e com base nessas nesses objetivos e nas principais ideias de Paulo

Freire, os círculos de cultura fizeram parte da metodologia utilizada nas aulas na turma de alfabetização da EJA na Escola Municipal Jardim Santo Inácio, onde atuei como professora substituta, utilizando a realidade de mulheres estudantes negras como pauta das discussões diárias e conseqüentemente ensinando a letra, as sílabas e os números. Eram analisadas todas as falas cotidianas dessas estudantes, nas conversas paralelas, nos momentos de descontração, no horário de saída e afins, pois todas as informações eram necessárias para a elaboração do plano de aula que seguia uma sequência didática pautada na dialogicidade e respeito às histórias individuais de cada uma, realizando círculos de cultura em sala que, assim como Freire (2023) traz em seus estudos, realizar círculos de cultura é compreender que esse método “se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate”.

Com os debates que nasciam a partir dos temas geradores apresentados para a turma, os círculos de cultura potencializavam discussões em torno das memórias que desencadeavam questões que permeavam as intersecções entre os marcadores de gênero, raça e classe e a partir desses debates pensávamos nas nossas potencialidades para reverter os problemas que assolavam suas vidas. Antes mesmo de aprender o som de uma nova letra ou a elaboração de uma nova operação matemática, como docente, meu maior objetivo era que nossos diálogos e atividades fizessem sentido.

2.2 Resultados parciais e discussões da pesquisa

Registrei todos os debates em um diário, onde coloquei os principais acontecimentos do dia da aula e os pontos que mais me chamaram a atenção. Todo o registro de experiência foi de suma importância para a contextualização da pesquisa, pois esse entrega resultados essenciais para a realização das discussões em torno das questões de gênero, raça e classe. Ao realizar a análise de dados desse material foi possível identificar como as estudantes negras da turma de alfabetização apresentavam suas memórias ligadas as intersecções dos marcadores de exclusão trabalhados nessa pesquisa. Dentre essas memórias destaco a motivação em retornar à escola na idade adulta, os sonhos comuns entre as mulheres estudantes da EJA, as discussões a respeito da mulher na sociedade e o fator trabalho que estão ligados pela profissão em comum.

Os círculos de cultura realizados durante as aulas trouxeram à tona as motivações que influenciaram diretamente no retorno daquelas alunas à escola após anos sem estudar, sendo apresentado por elas que esse retorno se dá pela esperança de conquistar sonhos que por muito tempo esteve distante, como o de aprender a ler e escrever e ascender socialmente a partir das conquistas de oportunidade melhores em diversas áreas das suas vidas. Essas estudantes

confirmam e denunciam que seus direitos foram negados por não poderem estudar quando crianças quando suas narrativas se interseccionam afirmando que a infância da criança negra e pobre muitas vezes é arrancada pela pobreza e a escola é colocada em ultima instancia.

O retorno a sala de aula é um grito de esperança por dias melhores e por melhores condições de vida por acreditarem que a educação tem potencial de contribuir positivamente em suas vidas, visto que é apresentado, quando compartilham as suas memórias, que a mulher negra está socialmente em posição de não privilégio e isso é compartilhado em suas histórias de vida que afirmam sofrer constantemente com os trabalhos, os maridos e patrões que sugam as suas energias e as colocam em lugares de dor e sofrimento.

Essas estudantes compartilham de memórias que estão diretamente interligadas por vivenciarem experiências parecidas no mercado de trabalho, já que a maioria trabalha como empregada doméstica, e de alguma forma, demonstram já ter sofrido com a opressão diante situações vexatórias em que foram colocadas de desconfiança, em que, patrões testam seus valores e condutas, além disso, as negam o direito de escolha e de fala. Alguns estudantes inclusive pontuam que o trabalho como doméstico também é uma interferência nas suas vidas escolares por se caracterizar como um trabalho exaustivo.

3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa, ainda em andamento, apresenta resultados parciais e discussões essenciais para as problemáticas encontradas, demonstra potencial para contribuir com o aporte dado às estudantes durante as discussões nas quais foi possível problematizar as narrativas que foram apresentados na partilha das memórias buscando compreender artimanhas para criar novas memórias, agora de superação, de conclusão da escolarização, de aprendizagens significativas e de autoestima positiva.

Considerando que não é fácil permanecer na escola diante intersecção de categorias de exclusão que faz parte das narrativas de diversas mulheres que sonham com a mudança do seu status quo, a escola precisa continuar caminhando no avanço de uma educação de qualidade, mas que seja significativa e que permita ouvir as mais diversas memórias presentes na sala de aula, criando estratégias para a permanência dessas mulheres que já são excluídas em demasiados espaços sociais.

Quando permitimos que pessoas, nesse caso, mulheres negras estudantes da EJA, se tornem protagonistas das suas aprendizagens, temos a chance de criar

relações horizontais de respeito e confiança que auxiliam grandemente na aquisição da leitura e da escrita consciente e crítica além de permitir que essas possam acreditar ainda mais no poder da educação.

REFERÊNCIAS

ARY, Zaira. **Uma experiência de educação popular: Centro de Cultura D. Olegarina**. 1962.

DA COSTA, Rosenilda Trindade. **Jovens negras em processo de escolarização na EJA**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 55° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Ediany Aparecida Pereira. "**Sou analfabeta, mas não sou pacata**": estratégias construídas por mulheres negras pouco escolarizadas para viverem em uma sociedade estruturada pela escrita. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Em Aberto, v. 5, n. 31, 1986.

MCP (1961) Estatuto, Recife, MCP, mimeografado.

Palavras-chave: EJA; Memórias de estudantes negras; Círculo de Cultura; Interseccionalidade de gênero, raça e classe.